

FRENTE NACIONAL DO TRABALHO

Câdernos de Formação

Série
**VINTE
ANOS
DE
LUTA**
3º caderno

Usina Miranda e Osasco

Julho de 1980

NOVO TEL.: 229.5129

TRABALHADOR

Sua participação na fábrica, no sindicato, no bairro, permite o avanço da luta dos trabalhadores.

Venha participar na construção do Centro de Estudos e Recreação de Vista Alegre.

Venha ser sócio da FNT

FRENTE NACIONAL DO TRABALHO

Cadernos de Formação

Série
**VINTE
ANOS
DE
LUTA**

3º caderno
Usina Miranda e Osasco

Julho de 1980

Para esta série, conversamos com vários militantes da FNT, e com pessoas que acompanharam sua história.

As pessoas com depoimentos citados neste 3º caderno são:

— Albertino de Souza Oliva, advogado e fundador da FNT-Osasco;

— Domingos Araújo, presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Indústrias de Alimentação de Bauru;

— João Batista Cândido, metalúrgico, e fundador da FNT-Osasco;

— José Groff, metalúrgico, fundador da FNT-Osasco;

— Marcelino Pereira Martins, sapateiro e fundador da FNT-São Paulo;

— Maria Santina, coqueira, vice-presidente da FNT;

— Mário Carvalho de Jesus, advogado, e fundador da FNT-São Paulo.

INTRODUÇÃO

Companheiro,

Já vimos como a FNT surgiu e como ela foi-se ampliando, através das lutas de que participou. Agora, vamos conhecer suas lutas principais nos anos de 1964 a 1968, que foram:

— em Perus, uma nova greve em 1967;

— em Pirajuí, a organização de uma cooperativa dos trabalhadores da Usina Mirandá, quando a usina faliu;

— em Osasco, a criação de comissões de fábrica, a conquista do sindicato dos metalúrgicos, a greve de 1968.

Esses movimentos tiveram também a participação de outros grupos políticos, também comprometidos com a classe operária.



O BRASIL DE 64 A 68

Para entender esse período, vamos relembrar os anos anteriores a 64.

Em 1946, terminava a ditadura Vargas. Getúlio apontou como candidato à presidência o General Dutra, que ganhou as eleições e governou até 1950. Em seguida, Getúlio candidatou-se, venceu-se as eleições, e governou de 1951 a 1954, quando suicidou-se. Terminava a fase getulista.

Começou então uma nova fase do capitalismo no Brasil. O novo presidente, Jucelio Kubitschek, queria que o Brasil crescesse "50 anos em cinco", e para isso deu vantagens para as indústrias estrangeiras. Vieram muitas multinacionais para cá, principalmente as que produziam automóveis e eletrodomésticos. E não havia muito controle do Estado sobre os lucros das multinacionais, que eram mandados para fora do país.

A instalação dessas novas indústrias abriu muitos empregos. Mas, por outro lado, o custo de vida aumentou bastante, e a inflação subia rapidamente, o salário desvalorizou-se e, com isso, o poder aquisitivo do trabalhador diminuiu; isto é, o traba-

hador cada vez menos coisas podia comprar pra sustentar a família.

Saiu Jucelino, entrou Jânio Quadros, em 1961. Jânio tentou controlar a inflação, mas de forma superficial. Mesmo sem tocar nas raízes da crise, várias medidas que to mou desagradaram aos banqueiros e aos grandes industriais sócios do capital estrangeiro. Pressionado por esses grupos, Jânio renunciou em agosto de 1961.

O vice-presidente João Goulart assumiu a presidência. Jango era mal-visto pelos grupos ricos e poderosos, que tudo fizeram para que ele não assumisse a presidência. E para diminuir seus poderes, foi instituído o parlamentarismo, que é uma forma de regime político onde o Congresso tem mais poder que o presidente. Depois de uma campanha no país todo, foi feito um plebiscito, isto é, uma consulta ao povo, para saber se ele preferia o parlamentarismo ou o presidencialismo. Venceu o presidencialismo, e Jango retomou maiores poderes.

A política de Jango não representava os interesses dos banqueiros e dos grandes industriais sócios das multinacionais. Durante o seu governo, foi possível um nível de manifestação da classe operária, onde os sindicatos atuaram até onde era possível, dentro de sua natureza amarrada ao Estado. A atuação da classe operária, mesmo limita

da pelo sindicalismo oficial, não interessava aos banqueiros e industriais, que então planejaram, junto com os militares, de pôr o presidente João Goulart.

O golpe militar de 1964 lhes deu maior força política. O novo governo passou a defender os seus interesses. Com isso, começou uma fase de maior exploração da classe operária, baseada no arrocho salarial.

Para ter condições de aumentar a exploração o novo governo procurou aumentar o controle político, dificultando a organização dos trabalhadores. A situação começou a mudar, na cidade e no campo. E a relação do Brasil com os países vizinhos também mudou.

Uma certa autoridade do governo norte-americano disse que pra onde o Brasil pendesse, toda a América Latina penderia também. Isto é, a situação política do Brasil influencia a situação política em todos os países da América do Sul. Por isso, os Estados Unidos investiram muito no Brasil e apoiaram o golpe de 1964.

Os Estados Unidos queriam que o Brasil defendesse os interesses do capital norte-americano na América do Sul. E por isso, várias vezes o Brasil interferiu na política de outros países. Para dar só um exemplo, em 1965, generais brasileiros comanda

ram as tropas que invadiram a República Dominicana. Além do comando, chegaram a mandar tropas brasileiras para lá.

A economia depois de 64

Logo depois do golpe começou a preparação para uma nova fase da economia brasileira. Essa nova fase se baseou na maior concentração de capital e no aumento da exploração dos trabalhadores.

O governo deu facilidades para as multinacionais, que obtinham no Brasil lucros maiores que nos países de onde vieram. Para a indústria automobilística, uma das facilidades foi que o Estado passou a incentivar a construção de estradas de rodagem, e de viadutos. As estradas de ferro foram deixadas de lado, embora sejam melhores: seu custo é mais baixo que o custo das estradas de rodagem, tanto o custo de construção como o custo de manutenção. As estradas de ferro são mais úteis no transporte de passageiros e no transporte de mercadorias. No entanto, a política do governo, em relação aos transportes, foi dar privilégios ao pequeno grupo dos mais ricos, em prejuízo da maioria da população, incentivando a construção de grandes rodovias e gastando rios de dinheiro. Só na manutenção da Transama-

zônica, por exemplo, se gasta até hoje uma fortuna, pois a estrada se desgasta rapidamente.

O aumento da exploração direta sobre os trabalhadores foi feito através do arrocho salarial. Um dos instrumentos para implantar o arrocho salarial foi o Fundo de Garantia, imposto à classe trabalhadora a partir de 1966. O Fundo de Garantia é também um instrumento de controle político, de vez que acaba com a estabilidade no emprego. A FNT tem um caderninho que explica o FGTS, na Série Leis Trabalhistas: o caderno nº 8.

No campo, a nova política do governo era incentivar a compra de terras. As grandes empresas que comprassem terras pagavam menos impostos. E muitas multinacionais compraram grandes áreas, aplicando na terra a parte do lucro que não era mandada para fora do país.

Medidas políticas

Para atingir esses objetivos econômicos o governo tomou várias medidas de controle político.

Um dos instrumentos de controle sobre os trabalhadores e toda a população brasi-

leira foram os atos institucionais. Os atos institucionais foram decisões do presidente que passavam por cima da Constituição. Instalou-se no Brasil uma ditadura, onde a direção do governo passou para as mãos de um grupo de militares e civis. O Ato Institucional nº 1, em 1964, dava direito ao presidente de cassar parlamentares, cassar mandatos e direitos políticos. Essas medidas foram prolongadas através do AI-2, em 1965, que também abolia as eleições diretas para presidente, vice-presidente, governadores, prefeitos de capitais e de várias cidades. Muitos parlamentares foram cassados. As ligas camponesas, forma de luta dos trabalhadores nos engenhos, foram extintas, bem como a CGT e outras organizações. Sindicatos e federações sofreram intervenção. Muitos operários, estudantes, professores, etc, foram presos, exilados e mortos. Inquéritos e processos políticos foram abertos na Justiça Militar. A FNT es- teve fechada alguns dias em abril de 64, e vários de seus militantes foram presos.

Após aperfeiçoando a repressão, surgiram instrumentos novos: a Lei de Segurança Nacional e o SNI-Serviço Nacional de Informações, que foram responsáveis pela prisão e perseguição de muitos militantes.

Os antigos partidos políticos foram extintos. O governo criou, por decreto, a Arena e o MDB. A escolha do presidente da



República passou a ser uma questão segurança nacional, decidida pelo Alto Comando Militar.

Em 1966, o Congresso Nacional (Senado e Câmara Federal) foi fechado. Uma vez cassados seus membros mais combativos, o Congresso ficou submisso ao autoritarismo do presidente da República. Assim, em 67, esse congresso aprovou uma nova constituição para o Brasil, que defendia os novos objetivos políticos e econômicos.

A verba do governo para a educação começou a diminuir a cada ano, e a qualidade do ensino também. Em 1965, a educação recebeu 11% das verbas para os ministérios. Em 66, recebeu 9,7%; em 67 recebeu 8,7%. As entidades estudantis foram fechadas. Milhares de livros foram apreendidos e muitos foram queimados em fogueiras.

Na área sindical, a política de Castelo Branco procurou fortalecer o atrelamento sindical. Os vários institutos de previdência social — IAPI-Instituto de Aposentadoria e Previdência dos Industriários; IAPETEC-Instituto de Aposentadoria e Previdência dos Trabalhadores, em Empresas de Crédito, etc — foram agrupados em um só, o INPS. Algumas categorias de trabalhadores estavam se organizando dentro dos antigos institutos, e o governo procurou cortar esse canal de manifestação dos trabalhadores.

A unificação dos institutos refletia também o interesse do Estado em centralizar e controlar todas as formas de participação social e política.

Outro instrumento de controle sobre os trabalhadores foi a lei 4330, conhecida como lei anti-greve. A partir dessa lei, houve muita presecução a companheiros.

Apesar de todas essas medidas repressivas, havia uma expectativa de que a ditadura acabaria logo. Muita gente pensava que o governo militar era transitório e que logo todas as medidas cairiam por terra. No entanto, em dezembro de 1968 essa expectativa se desfez, quando o governo decretou o AI-5, que lhe dava poderes permanentes e absolutos de repressão. O AI-5 jogava uma pá de cal nas formas de luta dos trabalhadores praticadas nos anos anteriores, colocando para os trabalhadores o desafio de se organizar em condições muito mais duras.

A FNT NO PERÍODO 64/68

Depois da onda de repressão, devida ao golpe de 64, aos poucos a FNT ia se reorganizando. Pouco a pouco, o trabalho se intensificou. Em Perus, onde os queixadas seguiam a greve de 62, aconteceram duas no-

vas greves, uma em 65, outra em 67. Em Jun
diá, o núcleo da FNT mantinha um trabalho
junto a várias categorias: químicos, moto-
ristas, têxteis, trabalhadores em indústria
de alimentos, papel e papelão, etc.

Nessa época, a FNT tinha mais de dez mil
sócios. A FNT era bastante procurada por
sindicatos. Fazia cursos e palestras em vá-
rios bairros populares, estabelecia conta-
tos entre trabalhadores de vários locais e
várias categorias. Eram sócios da FNT tra-
balhadores têxteis, metalúrgicos, químicos
trabalhadores em indústrias de papel e pa-
pelão, construção civil, alimentos, cera-
mistas, lavradores, trabalhadores em usi-
nas, bancários, advogados, etc. Assim, a
FNT representava um canal de aproximação e
articulação entre trabalhadores de diferen-
tes categorias profissionais e diferentes
localidades.

Para aprofundar a reflexão, a FNT rea-
lizou vários encontros, visando à formação
dos militantes. A finalidade dos encontros
é aprofundar a reflexão e a formação dos
militantes, que são tão necessárias quanto
a ação nas lutas. Nesse período, de 64 a
68, alguns encontros contribuíram para uma
troca de experiências entre trabalhadores
da cidade e do campo. Em 1967, num processo
de reflexão, a FNT assumiu os seus métodos
de luta como sendo não-violentos, dando as

14

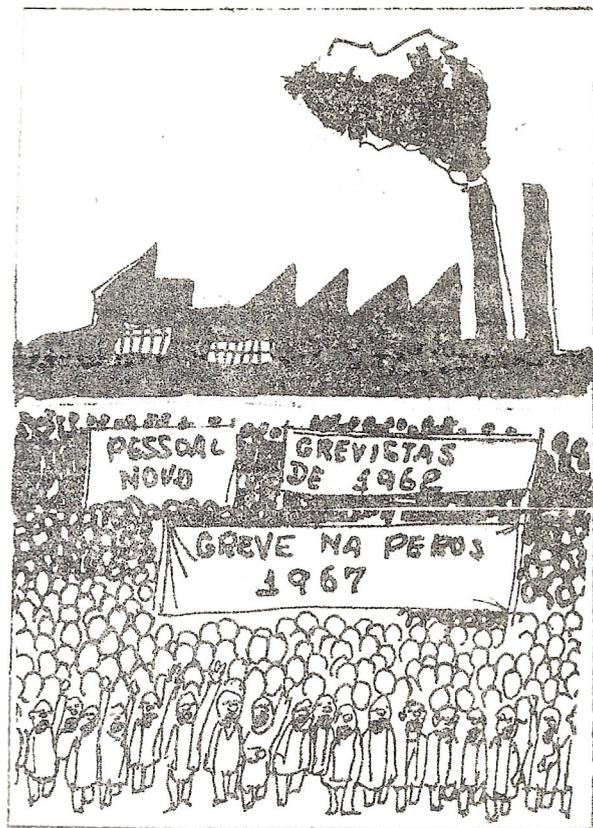
sim um nome para uma prática que vinha des-
de as primeiras lutas, antes mesmo de sua
fundação.

A GREVE DE 67 EM PERUS

Em abril de 67, os operários da Perus en-
traram em greve por atraso de pagamentos .
Esses trabalhadores foram os contratados
durante a greve de 1962. Alguns eram anti-
gos fura-greves, outros vieram para Perus
contratados durante ou mesmo depois da gre-
ve.

As lideranças mais antigas estavam fora
da fábrica, desde maio de 62, mas não aban-
donaram o trabalho com os companheiros. Den-
tro da fábrica, surgiam novas lideranças .
Com a união de todos os companheiros, foi
possível ter força para tirar uma greve, fa-
to esse que significou uma conquista da
classe operária.

Essa greve durou 20 dias e foi um teste
para a não-violência. Aconteceram fatos im-
portantes no sentido de marcar a forma de
atuação da FNT: conseguimos a união dos o-
perários grevistas de 62 com os grevistas
de 67, frente ao inimigo comum, que é o pa-
trão; e a prática de resistência firme e
pacífica, sem aceitar provocação.



Essa tática de resistência foi usada, por exemplo, quando os trabalhadores foram fazer piquetes para impedir a entrada de caminhões, e vários companheiros deitaram-se no chão, em frente ao portão. Foi uma ação de muita coragem, que não saiu espontaneamente, mas sim, foi resultado de uma proposta política.

Outro momento significativo, aconteceu no 20º dia de greve, às seis horas da manhã. O companheiro Mário relembra:

— "Chegou o chefe do departamento de pessoal, advogado que tinha sido delegado de polícia. Estava num carro e queria que o piquete lhe desse passagem, mas não conseguiu. A autoridade policial veio em socorro dele, perguntando:

— Vocês impedem que o doutor entre?

— Não! O piquete existe para convencer os companheiros a não entrarem e não furarem a greve. A lei nos dá esse direito. O doutor quer entrar? Pode entrar, mas a pé. Ele não está doente.

A nossa firme atitude desconcertou a autoridade e o chefe do departamento de pessoal. Pouco depois, nova tentativa de furar a greve foi levantada pelas autoridades policiais. Então, para definir a posição dos trabalhadores, que tinham passado a noite sem dormir, nós declaramos:

— Senhor delegado, ontem à noite, antes de trazer o piquete para perto da fábrica, nós fizemos um juramento que vamos cumprir: *nós podemos morrer, mas não vamos correr!*" (Mário).

No mesmo dia, o patrão pagou os salários atrasados. E os companheiros da Perus conquistaram também o compromisso do patrão em pagar uma multa quando o pagamento atrasasse. Essa multa ele pagou a partir de 67 toda vez que o pagamento atrasava, até sofrer o confisco da fábrica, em 1973.

Assim diz Marcelino, presidente da FNT naquela época:

— "A greve terminou a 11 de maio de 67. A 13 de maio fizemos assembléia para avaliação da greve. E a conclusão foi de que houve dois fatores básicos para a vitória. Um deles foi a união entre os novos contratados e os que estavam fora da fábrica desde 1962. Todos contra o inimigo comum, o patrão. E o outro fator foi que alguns companheiros começaram a entender o método da luta não-violenta. Houve uma evolução, *nesse sentido*".

Na sua opinião, essas formas de luta são úteis nas lutas de hoje? Em que situação?

USINA MIRANDA

Em 1967, a FNT prestou solidário apoio a trabalhadores da Usina Miranda, em Pirajuí. Desde 1959, por ocasião de uma greve, já existia contato entre FNT e o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Alimentação de Pirajuí.

A Usina Miranda pertencia ao mesmo dono da fábrica de cimento Perus, João José Abdalla. Em 1959, antes da fundação da FNT, os trabalhadores da Perus testemunharam a sua solidariedade aos trabalhadores da Usina Miranda numa greve de pouco mais de um mês. O então presidente do sindicato, Pico lomini, em seguida participou da primeira diretoria da FNT. Seu sucessor, Argemiro dos Santos, distanciou-se da FNT, sobretudo após o acordo em separado, em 62, fato que vimos no segundo caderno desta série.

Em 1966, com a falência da Usina Miranda, os trabalhadores, contrariando a direção do seu sindicato, fizeram um abaixo-assinado à FNT, pedindo sua presença lá. Assumindo com os companheiros, a FNT contribuiu efetivamente na sua luta.

Vários militantes da FNT acompanharam a luta da Usina. O companheiro Jobes (que ti

nha participado ativamente na liderança da metalúrgica Martins Ferreira, foi demitido e veio para a FNT) passou algumas semanas na Usina Miranda. Os companheiros advoga — dos Mário e Marnio iam lá frequentemente. Aos poucos os companheiros da Usina e FNT conseguiram, juntos, a união em cima dos fatos concretos, entre mais de quinhentas famílias.

Normalmente, a falência faz com que a empresa feche. Mas, a lei permite que os credores unidos peçam ao juiz a continuação das atividades, sob a direção de um síndico, que é a pessoa indicada pelo próprio juiz para dirigir a empresa. Esse pedido foi feito em Pirajuí, por trabalhadores da Usina e pelos pequenos produtores independentes de cana, e encontrou apoio de toda a cidade. O juiz autorizou, e assim novo contrato de trabalho foi feito pelos trabalhadores com o síndico. A Usina, embora falida, continuou produzindo açúcar e álcool.

Mas, apenas uma parte dos trabalhadores foi readmitida. E a situação das 500 famílias era difícil. Estavam há meses sem receber salário, desde antes da falência. Moravam na Usina. Quando foram demitidos, não tinham possibilidade de se locomover facilmente para outros lugares à procura de em-

20

prego, e nas redondezas não havia outras firmas para trabalhar.

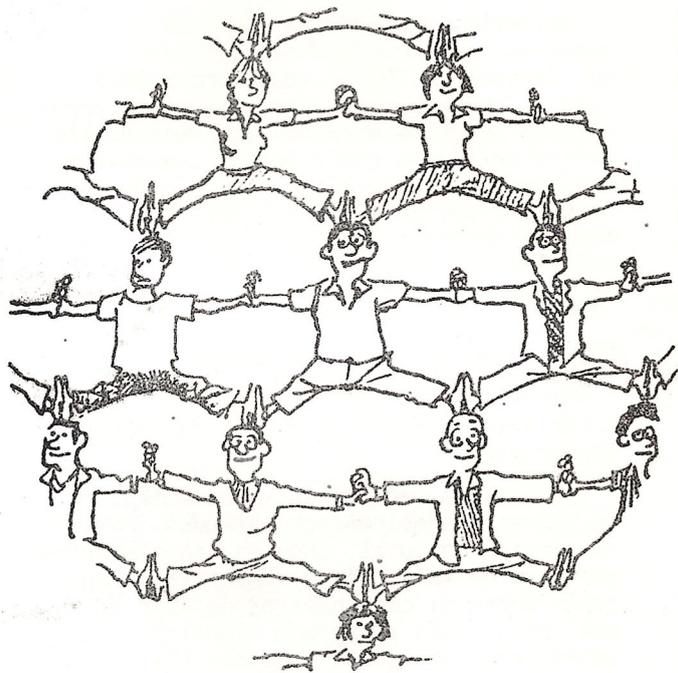
Em fevereiro, centenas de trabalhadores entraram com ação na Justiça, contra a Usina, através da FNT. A resistência se organizava. Crescia a solidariedade aos companheiros da Usina Miranda. Por meio da FNT, várias entidades contribuíram com alimentos para as 500 famílias. Em reuniões e bate-papos, foi germinando a idéia de se formar uma cooperativa, onde fosse possível um trabalho comum entre todos os operários da Usina Miranda.

Os crimes da empresa

Um levantamento dos crimes da empresa denunciava:

— a usina não pagava em dinheiro, mas em vales, conhecidos por cascudos. Havia um armazém no local, onde os trabalhadores gastavam os vales. Isso aumentava a exploração sobre os companheiros de duas formas: uma, porque não recebendo dinheiro, e sim vales, eram obrigados a gastar ali dentro da empresa. Outra, porque os produtos do armazém eram mais caros e de qualidade inferior;

— os descontos do salário destinados ao Instituto de Previdência não eram entregues



a esse instituto;

— em todos os setores da produção havia irregularidades: na compra da cana, na cana de produção própria, na venda de açúcar, na venda de álcool.

— a usina não pagava impostos ao governo federal;

— a usina tinha duas contabilidades: uma oficial e uma particular.

Cooperativa assume a usina

A lei permite que os credores estando unidos podem ficar com os bens — imóveis, terras, fábrica — da fábrica que faliu. É feito o cálculo de quanto vale tudo e compara-se com a quantia que o proprietário deve aos credores.

"A Usina, com 3.500 alqueires de terra, foi avaliada em cerca de seis milhões de cruzeiros. Os créditos dos trabalhadores, somados com os dos demais credores, quase chegava lá. Os impostos devidos pela falida também tinham de ser pagos. Fizemos demorada análise dos fatos, reuniões e assembleias e concluímos que valia a pena". (Mário).

A 22 de dezembro de 1967 foi constituída a Cooperativa dos Trabalhadores da Agro

-Indústria Açucareira de Pirajuí Ltda. A cooperativa visava produzir açúcar, derivado e culturas diversas através da ajuda mútua entre os associados. O que se queria com a cooperativa era:

— utilizar todos os associados na produção da usina;

— instalar e manter um armazém da cooperativa, libertando-se progressivamente dos intermediários;

— promover a cultura, organizando bibliotecas, salas de leitura, assinatura de jornais e revistas educativas, manter cursos para instrução e desenvolvimento dos associados e sua família.

A cooperativa manteve-se funcionando, e depois de um ano a propriedade da Usina foi transferida para a cooperativa, em dezembro de 68.

A cidade tinha grande interesse no funcionamento da Usina Miranda. A usina tinha importância para Pirajuí, pois o ICM que pagava correspondia a 50% das receitas do município. Além disso, na região havia poucas indústrias, e a Usina tinha bastante peso no mercado de trabalho.

"O nosso trabalho foi conscientizar todos os credores da Usina a fazerem parte da cooperativa. Todos os trabalhadores cederam seus direitos para a cooperativa. Tam

bem os fornecedores de cana, que são pequenos agricultores da região. Foram feitas numerosas assembléias, reuniões, e houve completo apoio do jornal de Pirajuí. Toda a região estava interessada em ver a Usina Miranda em funcionamento, o que estava garantido com a formação da cooperativa". (Mário).

Assim, a cooperativa era um avanço político na organização dos trabalhadores, unindo no trabalho concreto os trabalhadores da Usina e os pequenos produtores que forneciam cana. A sua força cresceu com o apoio da imprensa, da prefeitura, e da população de Pirajuí. Foi uma grande vitória dos companheiros.

Muda a regra do jogo

Porém, logo depois aconteceu o "golpe dentro do golpe", como ficou conhecido o Ato Institucional nº 5, que mostrou que a ditadura militar não era passageira. Ficou claro que não era mais possível voltar à situação política anterior a 1964. Com isso, ficaram mais difíceis as condições de organização dos trabalhadores.

Em abril de 1969, Mário foi detido e esteve preso 29 dias na Base Aérea de Curitiba. Houve pressão contra a cooperativa e

recurso contra a decisão do juiz. O tribunal de São Paulo anulou a decisão, e a cooperativa não pôde ficar com o patrimônio.

Ficou claro que as autoridades mais poderosas estavam contra a cooperativa. A Usina foi vendida a Nassim Cotait, testa-de-ferro do grupo Atalla, que trouxe muitos problemas para os operários e para Pirajuí. O atual presidente do sindicato dos trabalhadores em indústrias de alimentos, Domingos Araújo, assim fala sobre aquela situação:

"Em 1966, houve a falência da famosa Usina Miranda. Nós fomos à procura do Dr. Mário e naquela época eu não era diretor do sindicato. Foi um trabalho muito bom por... que parece que foi a primeira vez em falência que se conseguiu receber tudo. A coisa foi continuando, os anos foram passando, 67, 68, 69. Tinha uma turma de operários com o dr. Mário, e era a maioria; e uma parte com o diretor do sindicato. Então, havia dois grupos de luta para defender os operários. E no final a gente conseguiu saber que o próprio presidente do sindicato, Argemiro dos Santos, tinha vendido seu crédito a Abdalla. Não só ele como mais cento e poucos operários. Isso a gente viu que estava enfraquecendo a luta. Foi quando juntou os operários e exigiram que eu assumisse uma chapa para ver se tirava o Argemiro do Sindicato. Isso aconteceu: fizemos uma chapa,

e derrubamos aquela diretoria. Nessa época já tinha havido a cooperativa da Usina, o tribunal em São Paulo anulou, então a única opção eram vender o patrimônio. Foi feita concorrência pública e vendeu-se a usina, para o grupo Atalla, através do testa-de-ferro Nassim Cotait. Mas, mesmo com a venda da usina deu para os operários receberem seus anos de trabalho, que eram muitos e muitos. E eram mais de 500 operários!" (Domingos Araújo).

Com a venda da Usina, os trabalhadores enfrentaram muita pressão dos proprietários até que o grupo Atalla transferiu a quota da Usina para outro município e a Usina Pirajuí fechou.

A experiência da cooperativa havia questionado as estruturas econômicas, pelo trabalho comunitário, e as estruturas políticas, pelo controle da produção pelos próprios trabalhadores. Havia também mostrado que as autoridades têm atitudes diferentes em função de interesses diferentes. O prefeito e o juiz de Pirajuí apoiaram a cooperativa, e as autoridades de São Paulo foram contra.

Mais uma vez, a experiência mostrava que os trabalhadores de uma só fábrica tem condições de avançar nas suas conquistas até um certo ponto. Só com a união e organização do conjunto dos trabalhadores, e não

apenas de uma fábrica, se pode avançar de forma mais profunda.

Você já participou de algum tipo de cooperativa ou de trabalho comunitário? Por que esse trabalho esbarra com a posição das autoridades, dos patrões, dos comerciantes?

OSASCO

Ao mesmo tempo em que aconteciam essas lutas em Perus e em Pirajuí, a FNT desenvolvia um trabalho em Osasco. As primeiras ligações das bases operárias de Osasco com a FNT se deram por volta de 1960. Um grupo de operários de Osasco, ligado a movimentos católicos, procurou a FNT para iniciar um trabalho através do qual se conquistasse o acordo coletivo e a formação de comissões de fábrica, semelhantes às conquistadas em Perus.

Um dos fundadores da FNT de Osasco, o companheiro João Batista Cândido, encanador na metalúrgica Cobrasma, nos fala:

"A gente queria fazer trabalho de base, em Osasco, e justamente a FNT estava com aquela experiência de Perus, e a gente via que aquela experiência tinha que se prolongar. Com esse objetivo, tentamos um conta-

to com o pessoal da Frente. Várias vezes, o Mário, o frei Luiz, o Breno foram fazer palestra em Osasco." (Cândido)

A FNT considera que a comissão de fábrica é muito importante como um instrumento para fortalecer a luta dos trabalhadores na própria fábrica, a partir do local onde o trabalhador é explorado.

Surge a primeira comissão de fábrica

Na Cobrasma, indústria metalúrgica de bastante importância na cidade, um grupo de trabalhadores iniciava um trabalho de organização. Era uma época de bastante movimentação política em Osasco, em torno da campanha de emancipação. A campanha de emancipação era uma campanha política para separar Osasco de São Paulo, criando o município de Osasco. Até 1962, Osasco era subúrbio de São Paulo.

"Nessa ocasião houve a emancipação política de Osasco. E nós aproveitamos o embalo e achamos que deveríamos emancipar também o sindicato. E assim foi. A gente resolveu criar uma comissão; depois o dr. Mário orientou para ir para o sindicato em São Paulo, e lá obrigar a diretoria a entrar num esquema de trabalho que a gente

queria. Não foi fácil, porque o pessoal de lá era barra pesada, tinha tarimba no sentido de massacrar movimento de base e não deixar aparecer lideranças. A gente conseguiu enfrentar porque estava bem preparado. Fomos para a assembléia do sindicato, e o sindicato foi obrigado a fazer um ofício, convocando a firma para uma reunião, e nessa ocasião foi tirada uma comissão de dez operários pra discutir com a firma, junto com o sindicato." (Cândido)

Uma semana antes da reunião da comissão dos dez com a direção da Cobrasma, houve um acidente na fábrica. Um operário que trabalhava na fundição caiu no forno e morreu.

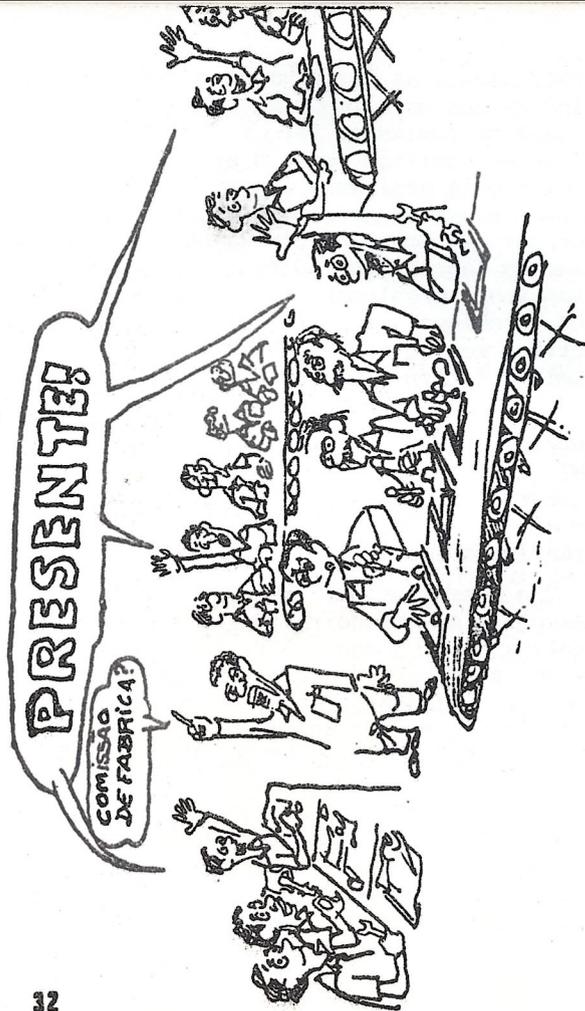
"No dia do enterro, a gente resolveu fazer uma parada. Não podia ir todo mundo no enterro, então nós resolvemos parar em homenagem ao companheiro morto, e sobretudo, para mostrar pra firma que a gente já tinha organização dentro da fábrica. Aquilo causou profunda impressão na diretoria da fábrica, eles nunca tinham visto aquilo. De repente, toda a fábrica parar! Foi uma paralisação de apenas cinco minutos, mas que causou um efeito extraordinário." (Cândido)

A comissão mostrou que havia nascido. Na semana seguinte houve a primeira reunião da comissão com a diretoria. Os operários, então, apresentaram 14 reivindicações, e

praticamente as 14 foram atendidas. As reivindicações mais importantes foram: estabilidade da comissão, isto é, que nenhum operário da comissão fosse dispensado; e que a diretoria aceitasse a manutenção da comissão e aceitasse conversar com ela uma vez por mês sobre os problemas que aconteciam na fábrica. As outras reivindicações eram sobre problemas de segurança no trabalho, problema de insalubridade, sanitários, serviço médico e social, refeitório e regu-lamento interno da fábrica.

O chefe de pessoal da Cobrasma era Albertino de Souza Oliva, hoje advogado da FNT. Ele participou da campanha política e também de reuniões e palestras na Igreja. Ele conta como sua visão e sua prática se transformaram:

"Ao mesmo tempo em que participava, eu descobria a verdadeira imagem que eu representava para os operários. Eu me considerava um cara aberto, acessível, preocupado com o trabalhador, fazendo isso e aquilo.. mas não via a face negra do trabalho do chefe de pessoal. Aquilo foi uma espécie de choque. Eu caí das nuvens quando descobri que era odiado, por ser o sargento que executava as ordens do patrão. E era a realidade, o camarada trazia uma reivindicação, pedindo aumento, ou melhorias de condições de trabalho, eu levava ao conheci-



mento do meu superior e a ordem era mandar embora. E eu mandava embora. Fazia inclusive questão de ser eficiente no meu trabalho". (Albertino)

Quando Albertino começou a participar das palestras e reuniões, sua visão foi-se transformando cada vez mais. Mas, ele só ganhou a confiança dos operários quando demonstrou na prática que tinha mudado:

"Quando chegou um dia, apareceu lá na seção de pessoal um rapaz trazendo uma abaixo-assinado. Tinha umas 15, 20 assinaturas do pessoal dos fornos pedindo pagamento do adicional de insalubridade. Era em fins de 61, começo de 62. Se eu utilizasse o mesmo critério anterior, simplesmente levava aquele papel para o França Pinto, que era meu chefe, e ele simplesmente ia chamar o pessoal e mandar embora. Então eu falei pro operário: "em vez de nós fazermos esse negócio, vamos conversar com o Cândido". E mandei chamar o Cândido. Ele trabalhava no setor de manutenção, como encanador. Foi a partir daí que a gente começou a fazer reuniões no salão paroquial lá na Igreja, em Osasco, nucleando o pessoal descontente para participar de um processo que não fosse de um grupinho. O problema da insalubridade numa empresa metalúrgica é geral. Era um problema para enfrentar com maior intensidade. Vai daqui, vai dali, a

coisa foi crescendo. O número de pessoas aumentou. Já se falava em fundar um núcleo da Frente em Osasco. O padre Rafael estava no meio, eu sofri um processo de conversão violenta, a gente passou a ler Leuret, passei a ler outras coisas, a minha virada acabou sendo completa. Mas, a turma não acreditava. Eu era ainda o chefe do pessoal. (Albertino)

A turma só acreditou mesmo quando Albertino se negou a denunciar os companheiros, depois da paralisação de cinco minutos:

"Foi um susto para a direção da fábrica. E eles começaram a sondar como é que o negócio tinha acontecido, como é que o pessoal tava organizado a esse ponto. Puxa daqui, puxa de lá, descobriram o fio da meada. E me chamaram pra explicar os fatos. Perguntaram: "é verdade que você está se reunindo com os trabalhadores?" É verdade. "Mas, você não pode fazer isso!" Mas estou fazendo. E a coisa ficou assim, puxa daqui puxa de lá, durante uns dez, quinze dias. Até que um dia o Alberto Pereira de Castro, que era o diretor responsável pela fábrica em Osasco, me chamou e disse que eu tinha de me decidir: ou eu dava o nome da turma, ou eles teriam que me transferir para São Paulo. Nessa altura, eu estava embalado pra burro, a leitura da obra do Leuret estava funcionando 100%. Falei pro diretor:

"Não adianta nem o senhor pedir pra trazer uma resposta depois, porque a minha resposta já está dada, eu não vou denunciar o pessoal". (Albertino).

Albertino foi transferido, e depois de algum tempo largou a Cobrasma e veio definitivamente para a FNT. A participação do Albertino nos mostra alguns fatos importantes para a comissão de fábrica: primeiro, a resistência dos patrões à organização dos trabalhadores; antigamente Albertino eliminava as tentativas de organizar. Quando havia um começo de organização ele contava aos superiores, e os operários eram demitidos. Segundo, quando Albertino se pôs ao lado dos operários, a primeira reação dos diretores foi de surpresa. A segunda foi tentar subornar, perguntando se "estava faltando alguma coisa" pra ele. Terceiro, quando os chefes da seção e do pessoal deixam de estar a serviço dos patrões e se colocam ao lado dos trabalhadores, são castigados.

Qual é o maior problema que você e seus companheiros de trabalho encontram para se organizar dentro da fábrica?

Fundação da FNT-Osasco

Junto com todo esse trabalho, nessa época, foi fundada a sede de Osasco da FNT, em 1962. A razão de sua fundação foi semelhante à da fundação da FNT em São Paulo. Os trabalhadores, neste caso, os metalúrgicos, sentiam a necessidade de se unirem numa organização que contribuísse nas suas lutas. Além disso, havia condições especiais de se fazer um trabalho político, não só pela situação política do Brasil, como também pelo fato de Osasco estar vivendo sua emancipação política.

Já desde a sua fundação, a FNT estava ligada a trabalhos de organização. Por exemplo, em 1963, os companheiros da fábrica / de Cofres Bernardino procuraram o Albertino, para dar assessoria jurídica em suas reuniões. Esse apoio ajudou a desenvolver um trabalho na Bernardino, e parar a fábrica em solidariedade a alguns companheiros demitidos. Naquela firma, que já tinha 50 anos, foi a primeira greve de solidariedade.

Surge o Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco

A FNT participou do trabalho de desmembramento do sindicato dos metalúrgicos de Osasco, quando ainda era subsede do sindicato dos metalúrgicos de São Paulo:

"Eu sempre acompanhava de perto o andamento da comissão interna da fábrica e o crescimento da turma. Houve um tempo em que nós alugamos uma saleta no fundo da Cobrasma e montamos o escritório da Frente Lã. Tô da manhã eu ia para lá, fazia o atendimento, e à tarde vinha pra São Paulo pra fazer audiências. À noite, uma ou duas vezes por semana, a gente se reunia com os operários e discutia o "Princípios para a Ação" do pe.Lebret. Em torno desse trabalho, nós fomos nucleando, preparando a turma para poder participar a luta no sindicato. Depois de algum tempo, nós conseguimos lançar uma chapa e essa chapa foi eleita."(Albertino)

Em 1963, foi eleita a primeira diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco, que durou apenas seis meses. Logo em seguida veio o golpe de 64 e tanto o sindicato dos metalúrgicos de Osasco como o de São Paulo, sofreram intervenção.

Em 1964

A repressão em 1964, desarticulou o movimento que surgia dentro do sindicato. Nesse momento a FNT mostrou sua importância como organização autônoma, desatrelada do governo.

"Nós tivemos que praticamente recomeçar todo o trabalho de base, articular e dar uma continuidade ao que nós vínhamos fazendo, mas já dentro de uma outra perspectiva. Nessa hora, os companheiros tinham um ponto de apoio que era o pessoal da Frente. A Frente tinha umas idéias claras, então dava o rumo pro pessoal, e o pessoal não ficava disperso. Porque naquela época houve uma dispersão das lideranças, as coisas ficaram meio no ar, o que fazer agora, o que não fazer. Então nós continuamos o trabalho de base, e o importante foi o fortalecimento da comissão." (Cândido).

Fortalecimento do trabalho na Cobrasma

A organização da comissão de fábrica da Cobrasma começou a crescer. Os trabalhadores fizeram estatutos e começaram a prepa-

rar eleições para representantes por setor na comissão, que existia desde 1962.

Na primeira eleição, dez setores da fábrica se manifestaram, na segunda já havia 18 setores. Na última eleição, em 1967, foram eleitos 38 companheiros, dois por setor, um efetivo e um suplente. Junto com o trabalho dentro da fábrica foi buscado um trabalho de promoção política no sentido de os trabalhadores terem maior participação no movimento operário. Era preciso vencer o clima de medo e as dificuldades que vieram com o golpe de 1964.

O trabalho da FNT em Osasco

A FNT de Osasco participou de todo o movimento popular e operário que lá surgiu: a cooperativa de crédito da Cobrasma, a cooperativa de consumo, que também surgiu na Cobrasma, as sociedades amigos de bairro, as comunidades de base. Havia companheiros da FNT participando da organização de comissões de fábrica na Brow Boveri, na Granada, na Cimafe, na Braseixos, na Barreto Keller. A FNT cedeu a sede para a federação das Sociedades Amigos de Bairro, que lá funcionou por vários anos. Participou da luta contra a intervenção no sindicato dos metalúrgicos, em 65, e da oposição sindical que venceu as eleições de 1967.

A retomada do sindicato

João Cândido conta o trabalho de retomar o sindicato, primeiro das mãos dos interventores, e depois das mãos de uma diretoria que se acomodou:

"Depois de 64 nós continuamos o trabalho organizado nas bases, e a gente controlou a política sindical, tranquilamente. Tanto que não permitimos que o interventor controlasse a chapa na eleição. Nós chegamos à conclusão de que era bom que se fizesse uma eleição, para que pelo menos o sindicato saísse das mãos do interventor. Então, fomos procurar companheiros que não estavam muito manjados na luta, pra fazer uma chapa de transição, no sentido da retomada do sindicato. O Henos Amorina entrou nessa chapa. O pessoal do sindicato de São Paulo caiu em cima da diretoria e obrigou o pessoal de Osasco a aceitar a linha que eles queriam. Envolveram a diretoria do sindicato de Osasco, eles estavam sem experiência, e aí nós falhamos porque não fomos capazes de assessorar suficientemente, e também o rolo compressor do sindicalismo pesou bastante. E essa diretoria não quis saber mais de deixar o sindicato, não quis ser renovada. Aí resolvemos enfrentá-los.

Fomos a primeira chapa de oposição, depois de 64, a ganhar uma eleição. Articulamos todas as forças vivas que estavam na luta! (Cândido)

Desse modo, como a diretoria eleita em 65 não estava correspondendo, os trabalhadores lançaram uma chapa de oposição sindical. Essa chapa venceu as eleições e entrou no sindicato em julho de 1967. A diretoria iniciou um novo tipo de trabalho, com um programa de abertura e incentivo às comissões de fábrica. Diversas comissões de fábrica iam se reunir dentro do próprio sindicato. As comissões eram um caminho para o pessoal crescer na sua organização, e desenvolver o espírito político. Esse trabalho conjunto entre sindicato e comissões de fábrica deu muita força aos metalúrgicos de Osasco.

Companheiro, você conheceu ou participou de uma experiência de comissão de fábrica? Como são as relações entre direções sindicais e comissões de fábrica, hoje?

A organização da comissão da Cobrasma

Com a ida do companheiro Ibrahim para a presidência do sindicato, o companheiro Jo

sê Groff assumiu a presidência da comissão da Cobrasma. Ele nos fala, hoje, de aspectos importantes na organização da comissão:

"Sô o fato de se constituir uma comissão de fábrica já mostra que existe organização entre os trabalhadores. Essa comissão, para ter consistência e firmeza tem que ter respaldo dentro das seções, tem que mostrar que está organizada e tem que dar uma demonstração de força ao patrão. O fato específico na Cobrasma foi quando aquele companheiro faleceu e numa fração de 12 horas a gente conseguiu mobilizar toda a fábrica e paralisar por cinco minutos. A partir disso, os diretores realmente começaram a respeitar mais os trabalhadores e reconhecer a comissão. Foi daí que a gente conseguiu pressionar a diretoria da firma a conquistar o seu compromisso de se reunir com a comissão.

"Na fase de organização da comissão a gente levava 12 horas pra mobilizar a fábrica. Depois que a comissão já estava estruturada, em duas horas a gente mobilizava a fábrica toda, e eram 4.500 funcionários. Isso porque nos 19 setores da fábrica a gente tinha ponte.

"Nenhuma fábrica pode imaginar fazer uma comissão se uma meia dúzia de cabeças pensantes vai fazer isso sem a participação das bases todas. Quer dizer, cinco ou

seis pessoas, por mais conscientes que sejam, não são o suficiente para dar uma demonstração de força.

"E o companheiro que se dispõe a ser um candidato para ser representante dos seus companheiros, tem que ter um compromisso muito sério com a classe operária. Porque ele goza de uma certa imunidade, mas essa imunidade implica numa série de compromissos." (Groff)

A representação por setor era importante porque o companheiro eleito estava todo o dia junto com os companheiros da seção, vendo as coisas de perto. Ele era testemunha do fato.

"Às vezes, pode ser mais fácil criar uma comissão de fábrica do que conseguir a sua sobrevivência depois. Não basta os trabalhadores terem sua comissão. O importante é que continuem organizados, e que todos os representantes sejam respeitados. Na Cobrasma, a gente criou uma equipe executiva da comissão, formada por um presidente, um vice, um primeiro e um segundo secretário. Era importante que aquela equipe fosse profundamente respeitada como legítima representante. Era importante que os operários nunca fossem conversar com a seção do pessoal ou com a chefia da seção sem a presença dos representantes eleitos. Isso é muito importante para que a comissão sobreviva." (Groff)



O relacionamento entre uma comissão de fábrica e o sindicato depende muito da atitude da direção sindical. Na Cobrasma, quando o sindicato estava desligado da comissão o representante sindical que ia nas reuniões com a diretoria da firma, ficava o tempo todo em silêncio. Depois que a oposição assumiu o sindicato, em 67, o comportamento do novo representante sindical nas reuniões era outro: participava na preparação da reunião, pressionava a direção da fábrica durante a reunião, assumindo-se de maneira clara como representante dos trabalhadores.

A comissão da Cobrasma foi um instrumento do crescimento da consciência de classe entre os trabalhadores, onde o caminho coletivo foi ganhando força sobre o individual. Isso fica claro em vários fatos. Alguns deles são:

1. A reivindicação que a comissão colocava na reunião não saía da cabeça dos representantes. Saía das discussões anteriores na seção, a partir dos problemas que cada um colocava. Nesse processo, o representante da comissão buscava dar prioridade ao que era problema coletivo, e aumentar a solidariedade entre os companheiros. Um exemplo desse trabalho é contado por Maria Santina, representante do refeitório na comissão, hoje vice-presidente da FNT:

"A gente brigava pra ver que tinha outras coisas antes do salário, coisas que eram comuns a todos. Por exemplo, a gente pagava almoço, mas não recebia o vale e não tínhamos hora de almoço. Quando reivindicamos pra não pagar almoço, ele não quisera dizendo que em todas as fábricas de Osasco quem trabalhava no refeitório pagava almoço. Então a gente fez uma pesquisa, todo mundo que trabalhava no refeitório foi pesquisado em outras fábricas. E foi uma pesquisa muito rica, o pessoal trouxe com de talhes. Ficamos sabendo que em muitas fábricas, inclusive as que recebiam comida de fora, o pessoal do refeitório não pagava almoço. Aí, a gente conseguiu o vale na mão. Outro exemplo era o problema do descanso no sábado. Sábado não tinha horário de descanso. Eram coisas que no papel constavam, mas não havia na prática. O nível de consciência chegou a um ponto alto no refeitório. Para isso não foi fácil, foi fruto de um trabalho de dia-a-dia."(Santina)

2. O contato entre peão e fábrica era feito sempre por meio de representantes da comissão, fosse para assunto de interesse pessoal ou geral, fosse com a chefia ou o departamento pessoal.

O que você acha do trabalho desta comissão de fábrica

ca? Você e seus companheiros acham que vale à pena fazer uma comissão onde trabalham?

Em 1968

Com esse processo de crescimento, em 68 os trabalhadores de Osasco tinham bastante participação política. Nas fábricas, se organizavam em comissões; as comissões trabalhavam junto com o sindicato, que articulava todas as comissões dos metalúrgicos; e o sindicato se articulava com outros sindicatos na luta contra o arrocho salarial através do MIA-Movimento Intersindical Anti-arrocho.

Muitos fatos políticos marcaram o ano de 1968 para os metalúrgicos de Osasco, entre eles:

- a greve dos metalúrgicos em Contagem em fevereiro e março de 1968, que os metalúrgicos de Osasco acompanharam com interesse;
- as concentrações do MIA em São Paulo, Campinas, Guarulhos, Osasco, São Bernardo, etc, às quais os metalúrgicos de Osasco compareciam sempre, com vários ônibus;
- o primeiro de maio, que foi preparado com antecedência, como diz a companheira Santana:

"Para preparar o primeiro de maio fizemos uma carta-base para todos os companheiros, com princípios do que significava o primeiro de maio. Foi preparada no sindicato, pela Interfábrica, formada por companheiros de várias fábricas. De Osasco vieram trabalhadores em massa para o primeiro de maio, de ônibus e de trem." (Santina)

Logo depois do primeiro de maio, correu a notícia de que queriam intervir no sindicato. Os companheiros da Cobrasma foram avisados, 15 minutos depois do aviso chegar todos os 4.500 operários já sabiam. Meia hora depois, as principais fábricas de Osasco sabiam da notícia.

A greve de 68

A intervenção não veio naquele momento. Veio em julho, durante a greve.

Uns meses antes da greve, na Cobrasma, um companheiro da comissão recebeu aviso-prévio. Ficou três meses em casa. Nesse meio tempo, a comissão lutou por sua volta ao trabalho, e ao final ele foi reintegrado, e recebeu tudo a que tinha direito. Com isso, a comissão cresceu em peso político, e no conceito do pessoal.

Uns dez dias antes da greve, no começo de julho, houve uma denúncia de um almoço milionário na Cobrasma, onde se gastou muito dinheiro. A comissão fez a denúncia de que, enquanto o nível da comida para os operários era muito ruim, a direção dava um banquete para alguns visitantes onde muita comida sobrou e foi para o lixo.

Dias depois, a empresa passou novamente por cima das imunidades da comissão, demitindo outro representante. O novo diretor, Luiz Eulálio Vidigal Filho, não quis receber a comissão, e não readmitiu o companheiro. Isso foi o estopim para a greve. As razões para a greve estavam na demissão do companheiro, no arrocho salarial e na impossibilidade de negociação com a direção da Cobrasma. As principais reivindicações dos grevistas eram:

- respeito aos companheiros da comissão;
- aumento de 35% (índice superior ao do governo);
- aumentos trimestrais;
- não punição pela greve.

A greve começou na Cobrasma na manhã do dia 16 de julho. Os trabalhadores se organizaram dentro da fábrica. A companheira Santina relembra:

"Nós queríamos estourar o arrocho salarial. Na greve de maio, em Minas, os companheiros tinham conseguido 10%. Nós pedimos 35%. No dia 16 de julho cada seção estava preparada para a greve. Na hora do almoço, foi a mesma coisa de todo dia, tudo normal com o pessoal ajudando a servir. Alguns companheiros ficaram cuidando das máquinas, para não dar motivo ao patrão de dizer que estragaram as máquinas. À tarde, os companheiros foram ver como era feita a comida, qual a quantidade necessária. A gente passou da hora de ir embora, de livre e espontânea vontade, pra ajudar o pessoal. O objetivo da ocupação era garantir a greve. Encostaram uma empilhadeira no portão de trás, e várias empilhadeiras no portão da frente. Quem estava dentro não saía, quem estava fora não entrava. Porque havia o risco de sair e depois não conseguir entrar. Quando os companheiros foram comunicar aos engenheiros e diretores que estavam em greve, eles se apavoraram. Telefonaram dizendo que estavam presos dentro de suas salas. No entanto, tinham total liberdade de ir a qualquer ponto da fábrica. Na verdade, e eles não saíram de suas salas porque ficaram com medo, embora da parte do pessoal não houvesse nenhuma ameaça. As autoridades do Ministério do Trabalho nos procuraram, propondo negociação no sindicato. Respondemos que a negociação tinha que ser lá dentro, no pé da cajarana." (Santina)

Havia estoque de comida para uns dois ou tres dias, tempo que a greve poderia durar. Mas, naquela mesma noite, às 8 horas, a polícia invadiu a fábrica e prendeu cerca de 30 companheiros.

Durante o dia de greve na Cobrasma, as mulheres, esposas dos metalúrgicos e moradoras nos bairros populares, passaram panfletos de casa em casa, explicando a greve. No dia seguinte, várias outras fábricas entraram em greve, e o povo se manifestava nas ruas. A greve se espalhou por Osasco.

No entanto, a greve foi duramente reprimida. Vários companheiros foram presos e muitos demitidos. Na Cobrasma, os patrões não queriam indenizar os demitidos, sendo que alguns tinham cinco, seis, até nove anos de casa. Os patrões de várias fábricas não queriam indenizar os grevistas, principalmente os que tiveram maior participação política, sendo que alguns destes foram de pois para o exílio. Através da FNT, os companheiros encaminharam processos jurídicos para receber a indenização. A FNT lutou até o fim, até o último companheiro para ter seus direitos reconhecidos e ser indenizado.

Que contribuição você encaminha contra nos fatos acontecidos em Perus, Pirajuí e Osasco, para a organização dos trabalhadores?

CONCLUSÃO

Em todas as lutas que contamos neste caderno, foi fundamental buscar compreender o problema, junto com os companheiros, buscar propostas concretas para superar o problema. Esse trabalho miúdo, do dia-a-dia, é que é fundamental para criar e manter qualquer organização. Foi esse trabalho cotidiano de reflexão, discussão e propostas a partir de uma situação concreta que levou os companheiros de Perus a conseguirem o pagamento em dia; levou os trabalhadores de Pirajuí à formação de uma cooperativa, e os trabalhadores de Osasco à formação de comissão de fábrica. Estas experiências, embora não tenham tido condições de sobreviver, significaram uma contribuição efetiva para a organização da classe trabalhadora.

As vitórias nessas lutas encontraram várias barreiras. O avanço das conquistas na luta dos trabalhadores depende fundamentalmente da nossa participação. A nossa força está em nossa união, e em fortalecer nossa organização, independente do poder do Estado e dos patrões.

Companheiro,

No próximo caderno você vai acompanhar uma luta de trabalhadores rurais, em Santa Fé do Sul, entre 1968 e 1971.

Publicações da FNT

Série Leis Trabalhistas

1. CLT
2. Contrato de Trabalho
3. Salário
4. Hora extra e horário noturno
5. Advertência, suspensão e demissão
6. Férias
7. Trabalho da mulher e do menor
8. FGTS e Estabilidade
9. Sindicato
10. Justiça do Trabalho
11. PIS-PASEP e 14º Salário

Série Leis Trabalhistas: Propostas de luta

1. Liberdade Sindical
2. Garantia de Emprego
3. Política Salarial

Série Debates

1. Custo de Vida
2. A História do Voto no Brasil
3. Eleições: Voto de Trabalhador
4. Favelas

Venha adquirir os nossos cadernos em nossa sede, ou peça por carta.

QUEIXADA

QUEIXADA é porco do mato que, quando se ve ameaçado pelo caçador, se une para defender-se. Queixada foi o apelido dado aos trabalhadores da Peruá. QUEIXADA é também o boletim da Frente Nacional do Trabalho, publicado mensalmente como uma contribuição a todos os companheiros para a reflexão e para manterem-se informados. A assinatura anual custa Cr\$ 60,00 e pode ser feita por carta.

FOLHINHAS

A FNT ainda está distribuindo suas folhinhas de 1980. Essas folhinhas são um esforço para a nossa campanha de autofinanciamento.

Cada folhinha tem quatro grandes fotos sobre a luta dos trabalhadores, e custa Cr\$ 20,00. O companheiro pode vir adquiri-la em nossa sede, ou com nossos militantes.

**Companheiro, colabore
em nossa campanha
de autofinanciamento**

Q que é

Frente Nacional do Trabalho

A Frente Nacional do Trabalho é uma organização de trabalhadores. Seu principal objetivo é ajudar o trabalhador a descobrir que sozinho não consegue nada, mas em grupos, agindo e refletindo, os trabalhadores atingirão seus objetivos.

É preciso que nossa luta esteja inspirada na Firmeza-Permanente. Isso quer dizer coragem para dizer a verdade, firmeza diante do opressor, esperança na bondade que existe no coração de cada homem.

A FNT foi fundada em 1960. Sua luta mais conhecida foi a Greve da Perus, onde os trabalhadores unidos resistiram 2.428 dias, sofrendo provocações e violências, resistindo sem covardia e sem medo, e vitoriosos no final da luta.

Para a Firmeza-Permanente, o importante não é ser valente de vez em quando. O importante é ser firme o tempo todo, a vida toda,

Série FNT: 20 anos de luta

- nº1 - Fundação da FNT
- nº2 - A Greve de Perus
- nº3 - Usina Miranda e Osasco
- nº4 - Santa Fé do Sul
- nº5 - Organização na Fábrica
- nº6 - FNT hoje

Frente Nacional do Trabalho

Av. Ipiranga, 1267 - 9º andar

01039 SÃO PAULO Tel. 229-5129

Av. dos Autonomistas, 2546

06000 OSASCO Tel. 801-7749

CMQ FNT B00020